



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

Poetas Vimaraneses

(Conferência recital, realizada nas Oficinas de S. José, de Guimarães)

(Conf. do vol. XLI, pág. 278)

Exóticos amores, começados em Guimarães, o levaram para outras paragens, sempre de mal-querença com fidalgos e frades, os quais sempre distinguia com as suas sáti-ras jocosas.

Um exemplo: Ouvindo o Duque de Cadaval recitar versos de Lobo de Carvalho, quis que o levassem ao palácio, «para se divertir», tão afamado era o humorismo e a graça sarcástica da sua veia poética. Mas o poeta vimaranense, recusando-se, mandou-lhe um soneto que terminava assim:

Não vou servir-vos só por não ter praça
No livro mestre dos santões caturras.

Versejando a propósito da *Academia Literária de Guimarães*, recordemos aqui estes dois tercetos dum soneto hilariante com que Lobo de Carvalho a mimoseou:

Ninguém julgue ser êrro do *Lunário*
Que essa terra sem tempo, e sem semente,
Produzisse um bom fruto literário:

Que o brotar tanta Musa de repente,
Foi enxêrto que fez o Secretário,
Na marreca do douto Presidente.

Génio crítico e azêdo, jâmais se conformou com o género apologético dos incensadores das Academias, comprazendo-se antes em contundir e caricaturar os ridículos sociais. Vejamos êste retrato-biográfico feito pelo poeta vimaranense aos capelistas de Lisboa:

Um rapaz a gritar como um cabrito
Com saúdades da mãe sôbre o valado,
Que entre duas canastras vem deitado,
Em burro de almocreve, ansioso e aflito;

Com rosário ao pescoço, mui bonito,
Descalço, de barrete e de cajado,
C'um saco à cinta, onde traz (coitado!)
A sua cõdea, o seu bacalhau frito.

Pôsto a pé este misero marmofe,
Ora cai, ora treme, ora encordõa,
Um lhe prega um sopapo, outro um calote.

Pois esta figurinha, ou má ou boa,
Faz qualquer capelista franchinote
Quando vem do sertão para Lisboa.

E' fácil, em presença destes respigos ligeiros, conjecturar o ambiente de pesadas hostilidades que Lobo de Carvalho produziu à sua volta. Desperdiçando o seu extraordinário engenho poético numa boémia jovial e satírica, sem que um alto sentido lírico o iluminasse e conduzisse na trajectória da sua vida, não deixou uma obra digna de ser rememorada.

De «Ave rara» o cognominou Camilo, e com razão, tão alto ascencionou a independência do seu espírito, como o demonstra o biographista anónimo que em 1845 lhe editou os versos dispersos.

Lobo de Carvalho, anterior a Bocage, foi como este um irreverente, sem ser blasfemo.

Usava pagar as rendas ao senhorio com sonetos!
Finou-se em Lisboa.

Senhoras e Senhores:

Guimarães foi no passado não só burgo assinalado de proletários, mas destacadamente de fidalgos, frades e monjas. A fisionomia da cidade ainda hoje nos mostra, aqui e ali, grades de conventos e pedras de armas.

Quando Gil Vicente no seu tempo dizia:

Somos mais frades que a terra
Sem conto na cristandade,

bem podia ter o pensamento na sua terra natal. A mesma abundância se dava na legião da fidalguia, o que levava o mesmo Gil a exclaimar:

Há fidalgo por aí,
que não sabe se o é.

Já então se não era embalado pelas aventuras novelescas, como essas que extasiaram a infância de D. João I e de D. Nuno Alvares Pereira. Já, finalmente, não havia poetas da rija tẽmpera de Luís de Camões —

Mente às Musas dada,
Braço às armas feito.

Entrara o séc. XVIII, o reinado dos peraltas e das sêcias; das cabeleiras empoadas e dos minuetes; reinado em que surge, na análise da Douta Senhora D. Micaëlis, «o português de índole açucarada, derretido, sempre namorado e triste, mas também fanfarrão, com veleidades de fidalgo...»

O verso, então, é cultivado e pôsto ao serviço da portuguesíssima instituição — o namôro!

Aconselhava-se a mulher nesses tempos de bioco e mantilha, que só devia sair de casa três vezes: para baptizar, para casar e... para enterrar.

Desobedecia a Julieta, çativa dos versos de Romeu?
— Convento! Convento!

Ai, mas o Amor, mais forte e astuto, desobedecia, por vezes, à mais austera regra monacal.

O arcebispo bracarense, D. Viríssimo de Lencastre, visitando o convento de S.^{ta} Clara da nossa terra — onde havia para cima de 60 freiras — mandava que as grades do locutório fôssem mais apertadas. E' chamado mestre-serralheiro para executar o determinado pelo Visitador-Mor. Nove freiras rebeldes, erguem clamoroso protesto. Mestre-serralheiro não pôde executar a encomenda. Volta D. Viríssimo e ordena que sejam metidas ao tronco as rebeldes.

Este episódio é narrado pelo erudito Abade de Tagilde, e prova: que sendo necessário a certas ordens monacais de monjas suavizar a reclusão àquelas servas do Senhor, ainda não expurgadas de todo o contacto mundano, inventou-se essa válvula de descarga chamada — outeiros poéticos!

Foi por estas e outras negaças à virtude que os poetas freiráticos inventaram esta quadra pejorativa:

Daquela que faz versinhos,
Da que escreve com pontinhos,
Da que fala com cê-cê,
Livra nós te Dominé.

E', porém, de alma ajoelhada, que eu rendo sentido preito de admiração por essas boníssimas freirinhas capuchas que nesta casa, outrora seu eremitério, aqui tiveram seu refúgio, tocadas de fé, ungidas em graça, santificadas pela própria simpatia do povo bom desta nossa terra.

OUTEIRO POETICO

Tangem festivos os sininhos palreiros do convento de S.^{ta} Clara. Na sua loquela zirante parecem dizer a quem passa:

Nós somos fidalgas!
Nós somos fidalgas!

Um movimento estranho vai lá dentro na comunidade clarista. Religiosas, noviças e servas andam numa azáfama da dispensa para a cozinha, do locutório para a roda, da sacristia para o cântico, da câmara para a portaria — enquanto grandes tachos de cobre luzente afogueiam em labaredas rubras as caldas doces, vendo-se já em longas prateleiras e armários, atufados taboleiros com marmelada, toucinho do céu, manjar branco, tortas, papos de freira — sei lá! — um paraíso de guloseimas que só de o imaginar faz aguar as bôcas.

Para quê, esta babilônia conventual?

E' a eleição da Senhora Madre Abadessa. Festa de abadessado, é sabido que traz no programa — outeiro poético.

Cupido e Apolo dão-se as mãos na confecção inspirada e repentista dos «motes» e das «glosas».

Não tarda que o largo fronteiro se encha de seges e liteiras e delas se apeiem os bardos e os convidados — gente de Algo e condição.

Freirinhas táfuis, olvidadas da devassa de 1759 em que o Senhor Visitador-Mor prescrevia circunspecção no traje e morigeração nos doces, ajustam aos espelhos profanos e pecadores as pregas do hábito, pondo óleos e polvilhos no rosto, com grave compungimento de velhas e venerandas monjas, tão fiéis observantes da Santa Regra.

Entretanto, no alto da torre, os sininhos, palreiros como pardais traquinas, vão cantando o seu popular estribilho:

Nós somos fidalgas!
Nós somos fidalgas!

Vindo da lageada rua de S.^{ta} Maria, desemboca no largo fronteiro ao convento um galante gentil-homem, montando fino cavalo de raça.

Cortejado pelo povinho indígena que estaciona no terreiro, o cavaleiro apeia-se, entrega as rédeas da montada a um fâmulos de farda agaloada, e entra a larga portaria do convento clarista.

Sobre a arcaria do claustro, onde a água de um chafariz põe uma nota musical, vêem-se em grupos os «cisnes» da poesia, espreitando o momento de ver surgir à gradaria rostos peregrinos, que mais se adivinham do que se vêem.

Do interior da capela plangem sons de órgão e um cântico de vozes sobe como um incensório místico. A comunidade acaba de eleger a sua Abadessa e dirige hossanas de louvor ao céu.

De novo os sinos repetem o seu estribilho:

Nós somos fidalgas!
Nós somos fidalgas!

Vai começar o outeiro.

E é entre a gulodice de um ladrilho e a pedra de açúcar de um «mote», que a «glosa» do Vate entra em espirais de inspiração, enquanto as noviças travessas se deliciam a gozar os embaraços dos menos dextros no florilégio da Rima.

... A noite vai alta e fria. Tange a sineta, pondo remate ao outeiro.

Cá fora, no burgo às escuras, rodam as seges e liteiras.

E, Deus me perdoe se peço, afirmando que, nas celas claristas então alguém ficou, de coração palpitante, a rogar ao céu que torne breve o dia em que novo outeiro poético se realize!...

*

* *

— ¿ Quem era aquele cavaleiro gentil-homem que descendo a velha rua de S.^{ta} Maria se dirigiu ao convento clarista a tomar parte no outeiro?

João Machado Pinheiro Correia de Melo—1.º visconde de Pindela.

Seu timbre: Sôbre um escudo heráldico, uma lira de poeta.

Neste outeiro poético — espécie de côrte de amor... velado — estiveram entre outros improvisadores descidos dos recantos da província, José Joaquim Martins Guimarães, o poeta vimaranense que, mais tarde, foi poetar para S. Paulo, e o Dr. João Evangelista de Moraes Sarmiento, vimaranense adoptivo, que foi pelo seu engenho poético o árbitro da nossa sociedade elegante, no seio da qual viveu durante vinte anos.

Antes destes «cisnes da poesia», pelos outeiros do convento clarista haviam já passado os poetas vimaranenses Dr. António de Vilas Boas e Sampaio, Dr. Joaquim Inácio de Freitas, o P.º José Amaro da Silva, além de outros, de quem nos fala o *Dicionário Bibliográfico*, de Inocência da Silva.

D. CATARINA MICAELA DE SOUSA CÉSAR E LENCASTRE

(VISCONDESSA DE BALSEMÃO)

Sendo a Poesia a verdade posta ao serviço do sentimento e o sentimento pôsto ao serviço da Arte, compreende-se que S.^{ta} Tereza, a «Doutora do Amor Divino», fôsse poetisa e que poetisa fôsse a sua homónima S.^{ta} Tereza do Menino Jesus.

Anda em livros de orações uma inspirada poesia desta jovem miraculada, feita à hora de morrer.

A nossa poetisa vimaranense, Senhora Viscondessa de Balsemão, que nascera em 1749, também na hora extrêma e derradeira compusera um soneto que pode ser enastado numa súplica ao céu:

Grande Deus que do alto dêsse trono
Lanças o braço ao pecador contrito,
Escuta do remorso o humilde grito,
Das tuas leis perdoa o abandono.

Tu da graça eficaz sômente o dono,
Que nunca a pena igualas ao delicto.
Dá-me sossêgo ao coração aflito,
Tão próximo a dormir o eterno sono.

Debaixo duma mágica aparência
Encobri os requintes da maldade;
¿Mas qual é hoje a triste consequência?

Não me negues, Senhor, tua piedade;
Tira-me do abismo da impudência,
Dá-me uma venturosa eternidade.

Dest'arte se prova: Que a poesia não é exclusivo da adolescência, pois contava 75 anos a Senhora Viscondessa de Balsemão quando, abrindo as asas da sua emotividade, desferiu êsse adejo lírico que alcança para lá das estrêlas...

Pelo lado paterno, ainda nas veias desta nobre e talentosa poetisa giravam glóbulos de sangue dessa famosa freira, Sôror Mariana Alcoforado—a singular amorosa que deu à literatura epistolar as mais enternecidas, dulcíssimas e apaixonadas cartas de amor que a bibliografia do mundo regista.

A Senhora Viscondessa de Balsemão, foi uma vergôntea dos condes de Vila Pouca—casa bem servida de biblioteca. Muito culta no manejo de várias línguas e versada em literatura, escreveu algumas obras e deixou alguns manuscritos.

JOSÉ DE SOUSA BANDEIRA

Na praça da Cordoaria da «invicta e leal cidade do Pôrto», erguem-se as fôrças miguelistas. Uma escolta de tropa fiel ao «Ungido do Senhor», conduz da cadeia da Relação, que fica vizinha das fôrças, três cidadãos de aspecto respeitável. Dois dêles foram condenados a sofrer a morte vilipendiosa. Todos vão algemados. Ao grupo junta-se um frade de crucifixo na mão, que dirige palavras de resignação cristã aos desventurados, condenados políticos. O carrasco prepara o laço homicida. Tudo pronto! Uma voz de comando soa. Tocam clarins. O primeiro condenado é executado, impiedosamente. Uma multidão incolor, heterogênea, grita possessa de entusiasmo:

— *Viva o Senhor Rei D. Miguel 1.º!*

A mesma scena tétrica se repete para a execução do segundo condenado. E os dois espectros lá ficam pendurados na fôrça, olhos fora das órbitas, encarando o vago, numa expressão de horror.

A terceira figura algemada, que fôra condenada a sofrer prisão perpétua e a assistir à execução dos seus dois companheiros de ideais políticos, era Sousa Bandeira.

Em 1823 foi precursor da imprensa entre nós. Jornalista de estilo mordaz e satírico, bateu-se em todos os campos pela causa Constitucional. As suas verrinas, os seus epigramas em verso, eram verdadeiras «pontas de fogo» causticando o adversário.

Oiçam V. Ex.^{as}, Minhas Senhoras, sem tremer, esta... arcabuzada poética que Sousa Bandeira dirigiu à morte do terrível panfletário miguelista, Agostinho de Macedo:

Desce, monstro feroz, em pó desfeito,
Dos infernos às furnas tenebrosas;
Que lá milhões de serpes venenosas
Hão-de abrasar-te e lacerar teu peito!

— Mas o espírito de Sousa Bandeira não tem apenas esta faceta... revulsiva. Ele é, sobretudo, um humorista e até um romântico. Escutemos este madrigal:

Que bela estás, ó Márcia, que ternura
Se divisa em teus olhos bonancosos!
Ah! parece que amor mais desditosos
Escravos corações prender procura!

Sousa Bandeira foi daqueles cinco presos políticos que detidos na cadeia do Castelo de Guimarães, de lá se evadiram por aquela maneira inverosímil, ia dizer dantesca! como o esfíngico Caravela a narrava aos visitantes daquele monumento, indicando uma estreita seteira que dá para o Cano e onde os refugiados — garantia o velho Caravela — deixaram a pele!

Vitoriosa a causa por que se bateu Sousa Bandeira, de armas na mão e pena em riste, o nosso conterrâneo recusou benesses e honrarias, continuando a amar a Liberdade e... a fazer versos.

Sua filha, casada com o saudável vimaranense Dr. Ave-lino Guimarães, herdou de seu pai o culto pela Arte.

Sousa Bandeira morreu com 74 anos de idade, leal à sua fé política e pobre. Foi um carácter.

Na sua biografia vem este pormenor: Quando foi da execução dos seus companheiros nas fôrças da Cordoaria,

Sousa Bandeira sentiu-se desmaiar. Um soldado da escolta disse-lhe, carinhoso: — «Tire os óculos!» E Sousa Bandeira para resistir ao pungente espectáculo, desenclavinhou os seus óculos.

JOAQUIM ANTÓNIO DA FONSECA (HORTELÃO)

Peço a atenção de V. Ex.^{as} para a seguinte notícia inserta em um número do periódico local — *A Tesoura de Guimarães* — publicado em 1856:

«*Génio poético* — Foi-nos entregue o soneto que abaixo transcrevemos, que tem de ser pôsto na eça em que está depositado o cadáver do Sr. Joaquim Ribeiro Senra. O original está em nosso poder, e é assinado pelo autor, que é o Sr. Joaquim António da Fonseca, criado e hortelão da casa de Laços, nos subúrbios desta cidade. Convém saber — termina assim a notícia — que o autor trabalhou toda a sua vida com a enxada.»

Segue o soneto:

«Descansa em paz, amigo Senra, isento
Das terrestres paixões da Humanidade.
Conhece finalmente que a verdade
Só tem no Elísio principal assento.

Da praça do Toural retira o pensamento,
E dos falsos amigos a Saüdade;
Pois nela quanto se faz é vaidade.
E nêles cada acção um fingimento.

Se a fouce com que a morte despedaça
A vida dos mortais, quis por vanglória
Roubar-te, tudo, enfim, não foi desgraça:

Pois ela não logrou toda a vitória,
Que o teu nome escapou à sorte escassa,
Por se acoutar no templo da Memória.»

Não concluiremos daqui que o modesto criado que há 5 anos cuidava dos amanhos hortícolas da casa de Laços, foi à maneira do grande Vergílio, que também arava a terra — um poeta.

Mas este exemplo serve contudo a testemunhar que a poesia não é privilégio dos letrados, existindo muitas vezes, como o diamante por lapidar, em engaste grosseiro.

Resumindo: E' na alma do povo que vicejam as eternas raízes da Poesia.

D. ANA MOREIRA DE SÁ

Paisagem bucólica. Um rio de águas mansas serpenteia ao longe. Irrompendo de um maciço de verdura, ergue-se um solar antigo, com sua pedra de armas e minarete.

Entremos na capela do solar. O seu interior, impregnado de silêncio, penetra as almas. Reparemos: Junto a um altar, tocado de mística devoção, vê-se um vulto de mulher. Seu rosto macilento, pergaminhado, batido por uma luz coada e doce, tem a transparência do marfim das santas antigas. Suspenso de suas mãos patricias e dedos afusados, vê-se um rosário de contas de azeviche.

Silêncio!... Retiremos do interior da capela sem perturbar a unção desta filha de Deus — tam digna imagem dum retábulo cristão.

Conversemos:

A dama que no recolhimento de uma capela acabamos de surpreender é aquela poetisa fidalga de Riba-Vizela que pela formosura do seu espírito e do seu coração foi, há mais de uma geração já volvida, a gentil figurinha de novela que entreteve triunfalmente um torneio poético — «jogo floral» em que foram «mantenedores» Gomes de Amorim, Visconde de Pindela (vimaranesse) e outros.

A Ex.^{ma} Senhora D. Teresa Maria Mota Prego de Faria vai dar-nos o prazer de recitar da maviosa poetisa os seus bucólicos cantares

AO RIO VIZELA

Da rôla ao triste gemido,
Do rouxinol ao trinar,
Ao murmurar do meu rio
Meus cantos vou misturar,
Casar ao som da corrente
Da lira os sons que tirar.

E a brisa, que me escuta,
Meus cantos aprenderá
E o rio deslizando
Estas vozes levará,
E no murmurar saudável
Meus cantos murmurará.

Oh! quão poético é o Rio Vizela! Já o nosso grande poeta Manuel Tomás o cantava:

... a ribeira amena, as águas claras;
— Grato, aprazível, brando, fresco rio,
Senhor que as frutas dá no sabor raras.

A' magia dos seus encantos devemos atribuir o facto singular de Vizela haver sido um apreciável alfobre de poetas.

Destacaremos em primeiro lugar essa «dinastia» de poetas e artistas que promanaram da família dos Moreiras de Sá.

Francisco Joaquim Moreira de Sá, engenho inventivo, aquele que primeiro iniciara o fabrico de papel vegetal, publicara um poema épico do mais alevantado patriotismo.

Miguel António Moreira de Sá, oficial no Batalhão de Voluntários, ao serviço da Liberdade, homisiado da pátria, escrevia a sua mulher cartas em verso da mais internecida saúde.

Valentim Brandão Moreira de Sá Júnior, que regista na sua bibliografia de poeta quatro livros de subido apreço.

Junte-se a este escol esse poeta da Música que se chamou *Valentim Bernardo Moreira de Sá* e teremos dado à poetisa D. Ana Moreira de Sá o justo relêvo que merece.

DOMINGOS PEREIRA DIAS DE FREITAS

Mas os vimaranenses de Riba-Vizela oferecem-nos mais «jardineiros» no roseiral de Parnaso. Dias de Freitas, pelos anos de 1861, publica as suas *Primicias*.

Escutem V. Ex.^{as} esta

VISÃO DA MADRUGADA

O' noiva das manhãs, não surjas inda!
deixa dormir a virgem que descansa.
iComo ela encanta, como é pura e linda,
embebida nos sonhos de esperança!

Ela dorme, das brisas embalada,
e um sorriso de amor assoma ainda.
Ela dorme! A Visão da Madrugada,
a luz dum meteoro, a virgem linda.

Ela dorme! em colo alvo de neve
arquejante madeixa lhe vacila...
Virações matinais, passai de leve,
não perturbeis o sono da Sibila.

Dai-me que possa de seu nível seio,
auscultar-lhe o bater febril, ardente,
e, num vertiginoso devaneio,
serenar o ardor que esta alma sente.

Este poeta da beira rio Vizela que foi pródigo na publicidade dos seus versos, e já precocemente aos 11 anos os fazia, foi, além de poeta, jornalista e dramaturgo. Ocupou uma cadeira de professor no Liceu de Braga.

Bráulio Caldas, aludindo à humilde casa onde nasceu Dias de Freitas (na Lameira das Espadanais), diz:

Tem ela um poema em cada flor silvestre,
Lindos vergéis lhe servem de proscénio;
Há muita luz nessa mansão campestre,
Ninho de amor, onde nasceu um génio.

Sua filha, *D. Aurora Beatriz Dias de Freitas*, também fôra poetisa.

CÓNEGO ANTÔNIO JOAQUIM OLIVEIRA CARDOSO

Penetremos no claustro românico de Santa Maria da Oliveira. De relance, observemos a linha nobre e elegante dos seus arcos e a diversidade original dos seus capitéis, para nos fixarmos junto à porta romano-bizantina da Capela Capitular. Lá dentro estão-se paramentando os Senhores! Conégos da «Insigne e Real» — em tempos mais remotos perto de 30.

Enquanto uns vestem roçagantes capas de sêda preta e murças de arminho, empunhando maças de prata, outros pendem dos ombros ricas capas de asperges, doiradas damáticas, — as melhores peças da faustosa paramentaria sacra.

Do Tesouro, — famoso cofre das mais raras preciosidades artísticas, — estão saindo as cruzes e os cálices, cingidos tantos deles pelos celebrados «ourevizeiros» vimezanenses de séculos extintos...

Um menino de côro ataviado na sua batina vermelha

e alva sobrepeliz, chama a atenção de um Senhor Cônego para um «hominho» que o procura.

Entre os dois, passa-se então este diálogo:

— Senhor Cônego: pedia a V. S.^a...

— Dobre a língua: Excelência! Excelência!...

— Pedia a V. Ex.^a se me fazia uns versinhos para colocar no caixão do meu compadre defunto, que Deus chamou à sua divina presença.

— Ora diga-me cá: que virtudes tinha o seu compadre defunto, para ser exaltado em verso?

— Virtudes!?

— Sim; e que espécie de boas obras praticou o seu compadre na vida, para que seja louvado na morte?

— Ah! percebo agora!... Ele, para que digamos, boas obras... Só se fôr...

— Diga!

— Deu um carro de canhotos às freiras das Capuchinhas.

— Ora! ora!... Exclamou o ilustre ornamento da Colegiada, seguindo a tomar parte no grande acto litúrgico que ia celebrar-se no templo histórico que D. João I mandou fazer à honra da vitória que lhe deu S.^{ta} Maria de Guimarães nos campos de Aljubarrota.

Este episódio — embora com moldura — foi-me há dias contado por quem usa anotar e viver nas recordações do passado.

O Cônego António Joaquim de Oliveira Cardoso, foi bacharel em Cânones, cavaleiro de S. Tiago da Espada, dramaturgo e poeta muito aplaudido.

De um Pregão Nicolino feito em 1844:

A'S DAMAS

Vós, neste dia a que emprestais fulgores,
Distinguidas sereis com seus favores.
Maças, na côr rivais do vosso rosto,
Belas corôas de apurado gosto,
Em requiebro primando, em louçania,
Para vós as reservam à porfia.
Porém o galardão condigno seja
Da ternura que na alma lhes flameja;
Do pômo ao receber, deixai de leve
Doce o lábio tocar na mão de neve.

Minerva, sim, a castidade ordena,
Mas de amor puros gozos não condena.

Quanto ao «hominho» que encomendava os versos para homenagem póstuma ao compadre defunto — como era então de uso, — posso garantir a V. Ex.^{as} que outro vate lhos fizera; possivelmente um Padre-Capinha da mesma Colegiada, a quem eu ainda conheci com o chamadinho popular de — *Padre Sebastião (Poeta)*.

DR. JOSÉ PEREIRA CALDAS (O DECANO)

Outro vulto muito ilustre de Vizela. Entregue à sua cathedra de prof. no liceu de Braga, sempre conservou desde os tempos da sua ardorosa mocidade um *fraco* pela arte poética. Havendo feito parte em 1847, como tantos nomes ilustres do seu tempo, de um Batalhão de Voluntários, Pereira Caldas enquanto o inimigo dava tréguas às escaramuças bélicas, ia compondo e cantando com os seus companheiros constitucionais:

Dilectos filhos da Pátria,
Lusos meus e meus guerreiros;
Ouvi, gravei na memória,
Meu brado contra estrangeiros!

E a imagem da liberdade — noiva querida e suspirada, fascinação dos seus olhos enamorados, — mereceu-lhe uma estrofe que principia assim:

Liberdade! Liberdade!
Nome cândido e bendito;
Tua meiga claridade
Doura os sonhos do proscrito.

A sua geração viveu a fazer versos, e morreu a rir-se da santa ingenuidade, da romântica fantasia de os haver feito!

Foi jornalista e autor apaixonado das sciências.

DR. FRANCISCO GUIMARÃES FONSECA

Estamos em pleno período do romantismo. Guimarães Fonseca, académico na Lusa Atenas, escreveu como os talentos da sua geração um livro em versos. E disse aos críticos: — «Esses versos são as primícias do meu amor pela santíssima poesia da mocidade e da vida.»

Deço à Ex.^{ma} Senhora D. Maria Cesarina de Sousa que nos dê a honra de recitar de Guimarães Fonseca uma parte da poesia —

OS ASTROS

Selve! astros do céu, lírios formosos,
Que esmaltais o azul do firmamento,
Harpas do templo augusto, hino sagrado,
Que eleva a Deus a luz do pensamento!

Convosco eu voarei ao santuário
Onde irradia o sol, que vos ascende;
Vós me abrieis a porta do sacrário,
Onde a glória de Deus, eterna, esplende!

Minha alma sentirá a luz da vida
Banhar-me o coração de amor aflito!...
Entraremos, enfim, no céu formoso,
Onde arde o eterno fogo do infinito.

Belíssima e cristã evocação do mais requintado recorte lamartiniiano, ela assegura o génio poético do autor. Ainda outro aspecto estilístico do poeta vimaranense Guimarães Fonseca — poesia que parece inspirada no bíblico *Cântico dos Cânticos*:

ADEUS!

Adeus, formosos cabelos
Na meiga fronte anelados;
Olhos que ascendem os gelos,
Lábios que riem fechados...

Colo, onde a flama escurece
De linda manhã de Maio,
E alva estrela esmorece,
Como em pálido desmaio.

Adeus, bonina afagada
Dos mimos do eterno Abril;
Doce visão encantada,
O meu sonho juvenil.

Adeus, minha doce vida
De tanta suavidade;
Adeus, filha estremecida,
Nos suspiros da saúde.

Se algum dia te lembrares
De quem te amou como Deus,
Vôa para além dos mares,
Onde eu levo os sonhos teus.

Lá sempre, às horas da tarde,
Em solitário rochedo,
Quando o sol no oceano arde,
E freme ao longe o arvoredor...

O teu nome num suspiro,
Saírá do peito meu,
Como a vida que respiro,
Como a estrela doutro céu.

Alcançada a sua formatura, fixou residência na Lísbia Amada. Bastaria que fôsse tão ilustre discípulo de Esculápio, como o foi de Apolo.

Escreveu três bons livros de versos. Demonstração segura de que —

Não fazem dano as Musas aos doutores
Antes ajuda às suas letras dão.

P. BENTO SCHETTINI TEIXEIRA GUIMARÃES

Na rua de «Mata-Diabos», há um ror de anos, existia uma oficina de caldeireiro onde um vulto alto, apuradado como um Tambor-Mor e longas barbas sobre o peito, batia ao ritmo do malho na bigorna, esta ambição paterna: — Ver seu filho feito Padre!

E o garotete, enfarruscado e ladino, como que fortalecendo, fazendo crescer no peito do pai aquela ambição, era em toda a rua o mais presto em armar tronos à Santa-Bela-Cruz, em fantasiar nos longos Domingos de verão procissões e baptizados, de camaradagem com a filharada dos vizinhos.

Vai um dia o mestre caldeireiro, falando a preceito com a companheira — pois que as vidas se querem conversadas — expôs-lhe os seus planos.

A boa mulher ia a despejar o seu cabaz das mais judiciosas razões, aventando dificuldades; mas o mestre, contrapondo-se resolutamente, disse-lhe:

— Não tem que ver! Arranja-me a ceia para mais

cedo, põe-me para aí a andaina domingueira, e, hoje mesmo, saírei a dar umas voltas!

Pois Senhores! Voltas foram essas tão bem dadas que, corridos anos, estando o mestre caldeireiro da Rua de «Mata-Diabos» a obrigar a chapa de cobre na modelação de um tacho — e tudo vai do jeito! — entrou-lhe pela porta da velha e acanhada oficina seu filho, o Reverendo Padre Bento Schettini, douto pela Universidade Gregoriana de Roma, aquele garotete enfarruscado e descalço que um dia embarcado na estafeta, pois não havia então combóios, fôra levado para os Padres da Companhia de Jesus.

São da *Lira-Sacra* os versos que a Ex.^{ma} Senhora D. Laurinda Fernanda Leite Guimarães vai ter a bondade de recitar.

A' VIRGEM

Acolhe-nos benéfica,
Sob o refúgio santo
Do teu materno manto,
O' Mãe do Salvador!
Cheios de amor e júbilo
A ti nos consagramos
E um cântico entoamos,
Senhora, em teu louvor.

Aos pés a lua pálida
Te serve de escabelo;
Forma teu manto belo
Com seu fulgor o sol;
C'róa d'estrelas rútilas
A fronte te circunda,
E os céus de luz inunda,
Mais linda que o arrebol!

E' verdade! Esquecia-me este permenor: o pai do Rev. Padre Schettini era um esturrado partidário de D. Miguel. Pois bem. Segredara-me pessoa que muito bem o conheceu, que o bom e simpático artifice, depois de o filho ordenado, era mais freqüente o seu hábito de ir à Penha — dar vivas ao Senhor D. Miguel I.

E' que, lá nas alturas, estava livre da sanha dos pedristas constitucionais...

DR. FRANCISCO MARTINS SARMENTO

Há pouco mais de 30 anos que ele morreu. Fôra de vulgar argila o seu cérebro, e já hoje ninguém falaria nêlo. Assim, porque a sua obra foi como a de Herculano, um prodígio de trabalho, de saber, de paciência e de talento, ele será eternamente lembrado. O seu perfil alto, magro, de cabelos pretos, barba hirsuta e tez morena, verdadeira figura de espartano fundida em bronze, vive, perdura ainda consubstanciada na sua obra de génio.

A maioria dos seus contemporâneos não chegou a compreendê-lo. Quási que foi para eles um desconhecido. Quando ele passava erecto, passo firme, lenço de sêda branca ao pescoço, descuidado e absorto, como um contemplativo, murmuravam: — 'Lá vai ele revolver a terra à cata de velharias!'

E ele, sábio de olhar perscrutador, lá ia, calcurriando os castros e as citânias pre-históricas, revolvendo a terra à cata de velharias — documentos vivos para o estudo de civilizações extintas e povos ignorados. Como um titã mitológico arrancando o fogo da mão dos deuses para serviço dos homens, também ele, o ciclópico mineiro da Arqueologia, arrancou ao seio da terra e à treva dos arquivos a luz fulgurante dos novos conhecimentos para o serviço da Ciência Universal.

Mas, interrogar-me-ão V. Ex.^{as} chamando-me ao assunto: — '¿Foi Martins Sarmiento poeta?'

Oh! sim, foi poeta, não apenas nos devaneios líricos da sua mocidade — pois fez e publicou românticos versos — mas até ao termo da sua existência fulgurante.

A Arqueologia, Minhas Senhoras e Senhores, por muito áridos e duros que sejam os fragmentos que ela desvenda, é uma ciência que encerra um fundo ancestral e ingénito de Poesia.

Sousa Viterbo falando da faceta poética de Martins Sarmiento, diz:

'Quem tanto amava as ruínas, quem tinha por elas um culto tão extremoso — era poeta por natureza; era um sacerdote da religião do Belo.'

E acrescentando: 'Os seus estudos arqueológicos, embora fundidos nos moldes da ciência, são outras tantas

elegias do passado, cordas duma lira, onde vêm suspirar as gerações extintas.'

Ascencionemos, pois, ao corucho da Citânia, onde paira imortal o espirito clarividente de Martins Sarmiento; façamos pairar a nossa vista por sobre o casal da Ponte, e deixemos que a nossa fantasia veja lá dentro, junto de uma janela rasgada para a paisagem, o vulto altaneiro de Sarmiento, doutorado aos 20 anos, lançando ao papel mais cedo ainda, amavios saudosos, ternas endeixas de amor:

Ai, minha infância fagueira!

Ai, minhas amadas flores!

Ai, primeiro doce riso

Dos meus primeiros amores!

Sarmiento escreveu e deu à publicidade um livro de versos. Conde de Margaride, que foi companheiro de infância de Sarmiento, falando do seu livro de versos, diz:

'... apenas distribuídos por alguns livreiros uma porção de exemplares, o autor recolheu-os todos, sem sequer deixar circular bem a notícia da sua publicação'. E arre-matando: 'era a restituição à estufa de flores, se formosas no recato do seu abrigo, demasiado sensíveis ao arejo de fora.'

Esse livro, porém, é um testemunho de que no cérebro de Sarmiento iluminado das visões dos tempos, se descreveu uma perfeita linha de evolução — aquela que a Sociologia demarca ao espírito humano.

P.E CAMPO SANTO

Ano de 1909. O dia declina. Numa espécie de cela monacal, sobre um leito humilde, está um sacerdote moribundo. Confortado de alma, tem nas suas mãos esqueléticas um quadro devoto: a imagem de N. S. da Oliveira.

Sorri enlevado para Aquela que era sua madrinha — ao modo e devoção popular da gente da nossa terra, que tem N. S. da Oliveira por Padroeira.

O berço natal!... O' tempos venturosos da nossa infância! Como lhe perpassava esbatida de saúde, naquela hora nebulosa da despedida, a paisagem linda da sua terra! Lá ao fundo, a Penha alterosa; e, subindo a en-

costa, formigueiros de peregrinos entoando cânticos de fé à Virgem — versos que êle escrevera na contemplativa visão da montanha sagrada!

A comunidade dos irmãos, está junto ao leito do moribundo. Em coral recolhido ouve-se uma jaculatória. Ciciam orações. A noite cai silenciosa e nostálgica. Do cruxifixo que poisa sôbre o móvel iluminado agora por duas velas bentas, desce sôbre o moribundo o último olhar de Jesus.

P.^e Joaquim José de Abreu Campo Santo, irmão professo da Companhia de Jesus, morreu aos 68 anos de idade.

Foi Provincial da Ordem. Poliglota e professor distinto. Frequentou as Universidades católicas de Roma e Austria. Distinguiu-se, entre os seus, como jornalista e poeta.

Seu pai, solicitador em Guimarães, viveu quasi um centenário.

(Continua)

A. L. DE CARVALHO.